

# Representação de Brasília na Crônica Jornalística de Clarice Lispector

Carla Abe Vicente<sup>1</sup>  
Dra Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira<sup>2</sup>

## RESUMO

A pesquisa busca refletir acerca da representação da cidade de Brasília na crônica de Clarice Lispector. Ao iniciar uma reflexão sobre a imagem e a representação da cidade, impõem-se logo duas questões, uma de natureza histórica, outra de natureza teórica, que servirão para balizar este trabalho. O estudo será baseado nas teorias da representação. A cidade de Brasília é tida no imaginário coletivo como artificial, apesar de uma cidade bela é na maioria das vezes analisada de forma negativa como se fosse um “vazio” o seu cotidiano. Por meio da escrita de Clarice Lispector, buscar-se-á a construção da cidade textual e o registro do cotidiano pela escrita, utilizando a crônica publicada no jornal Correio Brasiliense.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidade, representação, crônica

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo da pesquisa é identificar como Clarice Lispector represente a cidade de Brasília, que cria necessidades ao homem como forma de adaptação (responsabilidades). Apesar de ser uma cidade bela, Brasília, é na maioria das vezes, analisada de forma negativa como se fosse um “vazio” o seu cotidiano. Clarice Lispector cria uma visão crítica do progresso por meio de seu estilo misterioso de escrever, que instiga e faz com que ela continue a ocupar um lugar único, marcando gerações de leitores e novos escritores.

A pesquisa é bibliográfica e feita por meio de consulta a fontes especializadas como periódicos, livros e sites. A teoria utilizada é a AD francesa, além de estudos que envolvem representação.

## 2. A REPRESENTAÇÃO DE CIDADE

Mais do que um fragmento, o texto não-verbal, prolongando sua relação metonímica com o objeto, passa a ser referência dele.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do primeiro ano de Jornalismo da Universidade do Centro- Oeste

<sup>2</sup> Professora da Universidade do Centro- Oeste na disciplina de Análise do Discurso

Desse modo, os textos não verbais não se impõem à observação, mas estão incorporados à realidade e, por assim dizer, incógnitos. O não-verbal não é exclusivamente visual ou sonoro, mas é, sobretudo, plurissígnio.

Conforme, Lucrecia Ferrara D'Alésio, o texto não-verbal espalha-se em escala macro pela cidade e incorpora as decorrências de todas as suas microlinguagens: a paisagem, a urbanização, a arquitetura, o desenho industrial ambiental, a comunicação visual, a publicidade, a sinalização viária- incluindo, aí, o verbal à moda, o impacto dos veículos de comunicação de massa nos seus prolongamentos urbanos e ambientais, o rádio, o jornal, a televisão.

A cidade, enquanto texto não-verbal, é uma fonte informacional rica em estímulos criados por uma forma industrial de vida e de percepção.

Na cidade, o texto verbal liberta-se da sucessão gráfica dos caracteres e adiciona-se aos índices dispersos em quilômetros de ruas, avenidas, edifícios, multidões em locomoção, ruídos, luzes, cor, volume.

Enquanto texto não-verbal, a cidade deixa de ser vista como espaço abstrato das especulações projetivas, sociológicas ou econômicas para ser apreendida como espetáculo, como imagem. Nesse sentido, a apreensão da cidade como texto não-verbal não só a preenche, como lhe garante um trânsito informacional com seus usuários.

A contextualização é responsável pelo uso dos lugares urbanos, capaz de informar mais rapidamente sobre constituintes espaciais não previstos em projetos de urbanização e, no entanto, capazes de produzir e/ ou alterar a imagem de uma rua, avenida ou praça. É esse uso que qualifica nossa memória urbana e sedimenta a vida de uma cidade. Alimenta uma tradição ao mesmo tempo que estimula a dinâmica de sua mudança.

A cidade como texto para Willi Bolle(1984), é como se fosse a figura astrológica que define sua identidade. Nas metrópoles atuais, perpetua-se essa função da escrita: sua tecnologia mais avançada, sua utilização profissional mais ampla é ligada às atividades de controle comercial e burocrático, por parte das empresas particulares e do Estado.

Como pode o cidadão moderno organizar a sua experiência do mundo, dentro de uma realidade cotidiana, organizada no sentido do aviltamento sensorial-emotivo e da destruição da memória afetiva? As crônicas de Clarice Lispector são uma tentativa de preservar, por meio do registro escrito, a memória da cidade, antes que possa ser destruída.

Recuperar o passado significa: construir o sentido e o presente. Para um indivíduo cuja cultura sofre ameaça de destruição, uma arma de resistência é a memória afetiva; dela depende a sobrevivência da identidade. Walter Benjamin explora a memória- “que não é instrumento para se investigar o passado, mas o palco dessa investigação.”

A cidade, na qual os homens se exigem uns aos outros sem trégua, em que compromissos e telefonemas, reuniões e visitas, flertes e lutas não concedem ao indivíduo nenhum momento de contemplação- a cidade se vinga na memória, e o véu latente que ela teceu da nossa vida mostra não tanto as imagens das pessoas, mas sobretudo os lugares, os palcos onde nos encontramos com os outros ou conosco. (Walter Benjamin-1982)

De acordo com José Pastore, as cidades exigem, atualmente, cuidadosas intervenções no sentido de se moldar o meio físico para satisfazer às novas necessidades, dentro dos limites econômicos do sistema em questão(Brasília). Por isso, Brasília é uma iniciativa bastante avançada. E conseqüentemente, dificulta sua avaliação imediata, no sentido que são poucos os agrupamentos humanos que importam-se em planejar o tipo de ambiente em que gostariam de viver, trabalhar e se divertir.

Portanto, planejar a melhoria das condições sócio-culturais de um povo, é o papel social. Assim, Brasília visa à integração dos vários “Brasis” em uma sociedade de massas de caráter nacional. E isso gera o problema do impacto da nova capital sobre o comportamento de seus habitantes pioneiros. O centro das atenções deve-se voltar ao balanço entre expectativas e realizações ou antecipação de realizações, os quais estão diretamente ligados a enxergar um modo favorável em relação a diversos pontos de referência. Entretanto, a diferença ocorre entre moradores dos setores mais desenvolvidos de Brasília e dos habitantes das cidades satélites mais pobres.

Estes importam-se mais com as condições de trabalho e a estabilidade econômica, enquanto que para aqueles, parece ser mais importante as realizações não materiais.

É de valorizar que “os brasilienses ainda se orgulham de ser pioneiros e estar a serviço de um importante plano nacional, que é a colonização do Oeste e a instalação de um novo estilo de civilização no Planalto Central.” Mas a visão muda quando vemos as tantas privações de um migrante que gostaria de ter em Brasília alguns traços tradicionais das cidades brasileiras.

## 2.1. Clarice Lispector e Brasília

Nascida ucraniana, a escritora Clarice Lispector veio com menos de dois anos de idade para o Brasil, morando sucessivamente em Maceió, em Recife e no Rio de Janeiro. Considerando-se brasileira e nordestina, lutou por sua cidadania brasileira com sensibilidade e bravura, o que pode ser verificado nas brilhantes cartas que enviou ao presidente Getúlio Vargas para solicitar sua naturalização.

A escritora sensível, de personalidade cativante e misteriosa criou um estilo tão pessoal, uma obra tão densa, que se notabilizou pela introspecção psicológica na elaboração de alguns dos mais pungentes retratos femininos da nossa literatura. (João Sayad- 2007)

Trinta anos depois de sua morte ela ainda revela uma autora capaz de iluminar, intrigar, comover e surpreender o leitor “com o perdão da palavra, sou um mistério para mim”, reconheceu um dia Clarice. Seus livros oferecem um mergulho no indivíduo- o ser particular, diferente de todos os outros, perdido na massa informe que chamamos sociedade. Um olhar arguto e sem condescendência, mas carregado de afeto sobre nossas mazelas, contradições, medos e gestos de amor e grandeza. Em um mundo marcado pela crise de instituições e sistemas de pensamento, a obra de Clarice é cada vez mais relevante.

Clarice é sinônimo de outros modos de sentir por isso é necessário lê-la. Prova desta sua atualidade é o fato de que seus livros, contos e crônicas continuam a ser estudados em escolas e universidades e recriados por cineastas e diretores de teatro. Mesmo assim, Clarice ainda é conhecida como uma autora “difícil, para poucos. Sem dúvida, muitas de suas obras propõem ao leitor um desafio. Os que o aceitam são premiados com beleza, inteligência e com prazer de desbravar um território desconhecido. (Ferreira Gullar e Julia Peregrino- 2007)

Sempre tive um profundo senso de aventura, e a palavra profundo esta aí querendo dizer inerente. Este senso de ventura é o que me dá o que tenho de aproximação mais isenta e real em relação a viver e, de cambulhada, a escrever. (escreveu Clarice em uma crônica)

E é em 1977 que descobre que sofre de “câncer de ovário em estágio avançado. Em 9 de Dezembro, Clarice morre, no Rio. Mas ainda podemos esclarecer alguns de seus mistérios e também criar outros.

A história de Brasília surge com as primeiras idéias de uma capital brasileira no centro do país. O Marquês de Pombal, em 1716, sugeriu pela primeira vez a necessidade de interiorizar a capital do país. Em 1821, José Bonifácio de Andrada e Silva, estadista brasileiro, retoma o assunto da interiorização da capital, sugerindo o nome Brasília. A primeira Constituição da República de 1891, estabeleceu legalmente a região onde deveria ser instalada a futura capital, mas somente em 1956, com a eleição de Juscelino Kubitschek, teve início a construção de Brasília. Em 21 de abril de 1960, após mil dias de construção, o Presidente Juscelino Kubitschek inaugura a nova Capital, construída no

No dia 2 de outubro de 1956, em campo aberto, o presidente Kubitschek assinou o primeiro ato no local da futura capital, lançou então a seguinte proclamação:

Deste planalto central desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino. (Juscelino Kubitschek- 1956)

No mesmo ano iniciaram-se os trabalhos de construção. Formou-se o Núcleo Bandeirante, onde se permitia maior liberdade à iniciativa particular e foi batizado com o nome de "Cidade Livre". Especialmente do Nordeste, Minas Gerais e Goiás, principiaram chegar levas de trabalhadores. Os primeiros candangos.

### **3. Análise da Crônica**

Por Clarice Lispector ser considerada sinônimo de outros modos de sentir tentarei na análise da crônica desvendar ao máximo a sua crítica ao progresso de Brasília.

“Brasília é artificial... Brasília ainda não tem o homem de Brasília” (Clarice Lispector-1970), a partir desse enunciado ela começa a revelar suas primeiras experiências em sua Crônica, que de acordo com Mikhail Bakhtin, a palavra é mediadora entre o social e o individual.

“Brasília é uma cidade abstrata. E não há como concretizá-la. É uma cidade redonda e sem esquinas. Também não tem botequim para a gente tomar um cafezinho.”(LISPECTOR, ano 1982, p. 71)

Para Cláudia Lukianchuki (<http://www.cefetsp.br/edu/sinergia/claudia2.html>), a consciência individual é, portanto, um fato social e ideológico. Dito de outra maneira, a realidade de consciência é a linguagem e são os fatores sociais que determinam o conteúdo

da consciência- do conjunto de discursos que atravessam o indivíduo ao longo de sua vida. Isso demonstra que Clarice estava relembrando das cidades tradicionais que viveu no Brasil.

Vim para casa, é verdade, mas é que minha cozinheira faz literatura? Eu lhe perguntei cadê a coca-cola na geladeira. Ela me respondeu, nega bonita que é: ela estava tão cansadinha, então eu botei ela para descansar, coitadinha. Uma vez, há séculos, contei a Paulo Mendes Campos uma frase que minha empregada de então tinha me dito. E ele escreveu qualquer coisa: cada um tem a empregada que merece: Minha empregada tem voz linda e canta para mim quando eu peço: “Ninguém me ama”. Ela desenha, faz literatura. Tão humilde que fico. Pois não mereço tanto.”.(LISPECTOR, 1982, p. 82)

Seguindo Lucília Maria Souza e Leda Verdiani Tfouni ([http://www.achegas.net/numero/dois/lucilia\\_e\\_leda.htm](http://www.achegas.net/numero/dois/lucilia_e_leda.htm)), a memória discursiva é constitutiva o sentido, segue-se que há sempre várias vozes, historicamente já constituídas, que voltam à tona, ressignificando os enunciados produzidos num dado momento histórico. Assim existe uma amarração do discurso do sujeito com o discurso do outro.

No trecho a seguir se seguirmos o que expôs Freud poderemos perceber que trata-se do inconsciente de Clarice, porque não se manifestou de acordo com sua vontade.

Adoro Brasília. É contraditório? Mas o que é que não é contraditório? Só se anda de carro pelas ruas despovoadas. Quando eu tinha carro e dirigia, vivia me perdendo. Nunca sabia onde vir e aonde chegar. Sou desorientada na ida, na arte, no tempo e no espaço. Que coisa, por Deus.”.(LISPECTOR, 1982 , p. 71)

Mas logo depois entende que Brasília é tempo integral, que lá não se vive, se mora. E assim acaba vindo a saudade da embebida praça de Vendôme na Bahia, da praça Maciel Pinheiro em Recife e principalmente sente falta do cachorro, isso porque pessoas em Brasília são frias, intimidade não existe. Até que uma hora acho um nome para o cachorro (Ulisses) e percebe que em Brasília você precisa ser o seu próprio cachorro com uma forma de ironia.

Ninguém sabe, mas meu cachorro não só fuma como bebe café e come flor. E bebe cerveja. Toma também remédio contra depressão. Parece um mulatinho. O que ele quer é cadela. Ele é de classe média. Eu não deixei o jornal saber tudo. Mas agora é a hora da verdade. Também você tenha

de ler. É um cachorro que só lhe falta escrever. Come caneta e estraçalha papel. Melhor que eu. Ele é filho animal. Nasceu de instantâneo contato da Lua com uma égua. Égua do Sol. Ele é uma coisa que Brasília não é. Ele é: bicho. Eu sou bicho. Tenho tanta vontade de me repetir, só ara chatear.”.(LISPECTOR, 1982, p.82 )

“Brasília é um olho azul cintilanterríssimo que me arde no coração”.(LISPECTOR, 1982, p.80)

Nesse trecho o que pode salientar é o uso da cor azul que demonstra tristeza, ou seja insatisfação.

Eu estava sozinha no mundo. Havia um táxi parado. Sem chofer. Ai que medo.- Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, dois homens solitários- Olho Brasília como olho Roma: Brasília começou com uma simplificação final de ruínas. A era ainda não cresceu. (LISPECTOR, 1982, p.67 )

Como enunciou Foucault (1995), trata-se de um interdiscurso caracterizado pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos históricos e de diferentes lugares sociais. Essa impregnação também pode ser analisada quando cita Chopin na crônica , o qual esta se referindo o quanto faz falta uma ópera, assim como um Jardim Botânico e um Jardim Zoológico, porque não é só de gente que vive o homem.

“Brasília é um futuro que aconteceu no passado. Em Brasília nunca é de noite ...ela é doida, porém funciona...farmácia noite-e-dia”. E em meio a isso segredo, sussurros, cochichos e chichos, pode ser reflexo dos “50 anos em 5”. Assim nota-se que consoante com Foucault (1995) todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e o sucedem, integrantes de outros discursos.”Brasília é hiperbólica” essa afirmação sofreu reflexo de uma impregnação ideológica de onde Clarice morou (cidades tradicionais o Brasil), ou seja, para ela não é comum ir ao dentista toda segunda-feira , acordar 5 horas da manhã para ir na academia. Hábitos adaptados para a vida em Brasília, a qual é comparada a uma corrida de cavalos, mas que não enquadra-se com Clarice.

Portanto, trabalho em Brasília é sina e isso fica ironizado quando na crônica ela pede para o Jornal incluir astrologia. Tudo é ironizado na sua crônica de uma forma misteriosa, até quando fala que Brasília parece-se com uma quadra de tênis, que horóscopo é fulgente. Consegue fazer um efeito mostrando a artificialidade que impera quando argumenta que em Brasília dá vontade de ficar bonita e logo depois coloca que o ar é tão seco que a pele do

rosto fica seca, as mãos ásperas. Mas mesmo assim cita o whisky e a coca-cola, isso para mostrar que o poder da propaganda (“vazio”, assim como o artificial) está em modos os lugares como forma de status ou qualquer outro elemento que signifique para a pessoa usuária, de acordo com a análise do discurso esse não é um discurso da própria pessoa.

Apesar disso aparece uma parte: “Verde é a cor da esperança”. Clarice Lispector soube se proteger e perceber que Brasília não vai acabar.

### **3.CONCLUSÃO**

Trinta anos depois de sua morte escolhi estudar a crônica de Clarice Lispector pela sua colaboração nos Jornais que trabalhou e acabei sendo premiada com muita inteligência por meio de seu território desconhecido. Para poucos atores vale tanto a conhecida frase de Fernando Pessoa, “Minha pátria minha língua”, quanto para Clarice Lispector que deu uma contribuição notável. Brasília é “doida” porém funciona. Por isso não tem culpa de ser dessa maneira e assim nunca desaparecerá, só se modificará. Clarice construiu a verdadeira Brasília com confissões que delineiam seu próprio retrato.

As produções de Clarice Lispector não deixam de se referir à realidade concreta. É admirável sua consciência técnica, adequando forma e conteúdo. Por exemplo, dissocia as unidades narrativas para mostrar a falta de ligações mais profundas na sociedade. Organizada a narrativa em ritmo lento, para contrastar com o movimento da vida nas grandes cidades. Filtra todos os fatos através de uma consciência que se isola do conjunto - eis aí a solidão do homem moderno.

Conclui-se que todo fato concreto se faz presente nas suas obras para proporcionar a volta do indivíduo para o dentro, para a justificação de suas inquietudes. Por isso, Clarice Lispector é acima de tudo originalidade.

#### **4. REFERÊNCIAS**

PASTORE, José. **Brasília: a cidade o homem** São Paulo Nacional, 1969. 161p

BOLLE, Willi. **Fisionomia da metrópole moderna** Folhetim, 9 de dezembro e 1984

FERRARA D'ALÉSIO, Lucrecia. **Leitura sem palavras, série princípios**, Editora Ática

FERNANDES ALVES, Claudemar **Análise do discurso: Reflexões Introdutórias**, Editora claraluz

LISECTOR, Clarice . **Para não esquecer (1978)**

#### **Sites:**

[pt.wikipedia.org/wiki/Ajuda](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ajuda)

<http://www.cefetsp.br/edu/sinergia/claudia2.html>

[http://www.achegas.net/numero/doi/lucilia\\_e\\_leda.htm](http://www.achegas.net/numero/doi/lucilia_e_leda.htm)